

ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES HOMOSSEXUAIS, BISEXUAIS E TRANSEXUAIS NO MUNICÍPIO DE CHAPADÃO DO SUL - MS

Sarah Souza Queiroz¹

Tamara Roveri²

RESUMO

Essa pesquisa tem a finalidade de apresentar a experiência dos profissionais de enfermagem no atendimento à Lésbica, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT), tendo como conceito um acolhimento humanizado e livre de preconceitos. Esse grupo populacional receia em procurar os serviços de saúde com apreensão de ser julgado pela sua escolha, e o enfermeiro tem um grande papel para quebrar esse ciclo. Foi realizada uma pesquisa descritiva, exploratória com enfermeiros que atuam no município de Chapadão do Sul-MS. Foram entrevistados 17 enfermeiros através de um questionário que abordava características sobre preconceito, conhecimento e atendimento ao paciente. Concluiu-se que os profissionais estão capacitados para atender o público LGBT de forma humanizada e respeitosa.

Palavras-chave: Acolhimento. Humanizado. Preconceito. Assistência.

ABSTRACT

This research has the purpose of presenting the experience of nursing professionals in caring for LGBT patients, having the concept of humanized and free prejudice.

This population group is afraid to seek the health services with an appreciation of being judged for your choice, and the nurse has a great role to break this cycle.

A descriptive exploratory research was carried out with nurses who work in the municipality of Chapadão do Sul-MS. 17 nurses were interviewed through a questionnaire that addressed characteristics about prejudice, knowledge and patient care. It was concluded that the professionals are trained to serve the LGBT public in a humanized and respectful way.

Keywords: Reception. Humanized. Preconception. Assistance.

¹ Acadêmico do curso Enfermagem das Faculdades Integradas de Cassilândia. E-mail: sarah.queiroz_15@live.com

² Professora Orientadora – Enfermeira. Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC. Especialista em Docência no ensino Superior pela Faculdade Corporativa CESPI – FACESPI e Especialista em Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva pela Faculdade UNYLEYA. Professora no curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Cassilândia – FIC/MS. E-mail: tamararoveri@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O acolhimento se define como receber, recepcionar e, aceitar o outro como sujeito de direitos e desejos e como corresponsável pela produção da saúde, tanto no âmbito da atenção individual como do ponto de vista coletivo. Envolve relações, competências profissionais e condições ambientais (INOJOSA, 2005).

Acolhimento deve ocorrer em um atendimento respeitoso, dando o direito de o paciente ter acesso às informações sobre o seu estado de saúde, receber os serviços de saúde de forma segura, confidencialidade e acesso a redes de proteção social (BRASIL, 2008a).

Com a sua criação, o Sistema Único de Saúde (SUS) proporcionou o acesso universal ao sistema público de saúde, sem discriminação. A atenção integral à saúde, e não somente aos cuidados assistenciais, passou a ser um direito de todos os brasileiros, com foco na saúde com qualidade de vida, visando à prevenção e a promoção da saúde (BRASIL, 2013a).

A “Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde” reúne os seis princípios básicos de cidadania que asseguram ao brasileiro o ingresso digno nos sistemas de saúde, pois todo cidadão tem direito ao acesso ordenado e organizado aos sistemas de saúde, direito a tratamento adequado e efetivo para seu problema, ao atendimento humanizado, acolhedor e livre de qualquer discriminação, tem direito a atendimento que respeite a sua pessoa, seus valores e seus direitos, também tem responsabilidades para que seu tratamento aconteça da forma adequada (BRASIL, 2013b).

Para Casate e Corrêa (2012), a humanização é um tema central a ser focado na formação do trabalhador em saúde, principalmente porque coloca a necessidade de operacionalização do cuidado integral, da promoção da saúde e da valorização da dimensão subjetiva e social como implicações importantes no processo saúde-doença-cuidado.

A dominação, a humilhação e o desrespeito são traços presentes no cotidiano de “gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais” (LGBT), que sentem na pele as marcas da intolerância de uma sociedade ainda injusta, negligente e preconceituosa que nega o direito ao outro de viver sua sexualidade, privando assim sua liberdade como sujeito sexualizado (LIMA; SOUZA; DANTAS, 2016).

Foi na 13ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) em 2008, quando finalmente, pela primeira vez, a orientação sexual e a identidade de gênero são incluídas na análise da determinação social da saúde (BRASIL, 2008b).

Abordagens adequadas da população LGBT devem inicialmente ser construídas pelas normas e regulamentos das profissões de saúde, buscando o respeito para com estes usuários do serviço de saúde, indicando que devem ser compreensivos e livres de discriminação. Também requer o mesmo cuidado sensível, imparcial que deve ser fornecido a qualquer usuário do serviço de saúde, independentemente da raça, sexo, idade, religião, orientação sexual e identidade de gênero (SMITH, 2016).

Assim, em decorrência de atitudes homofóbicas, quando a população LGBT procura os serviços de saúde e sofre um atendimento discriminatório por parte dos profissionais nas unidades, gera-se redução na assiduidade e na busca subsequente da assistência, devido a condutas inadequadas, constrangimentos, conotações preconceituosas ou mesmo ofensas verbais sofridas. Tais práticas contribui para o afastamento dos cuidados com o próprio corpo e com a saúde da população LGBTT, elevando-se os riscos para automedicação e não adoção de cuidados preventivos (ALBUQUERQUE et al., 2016).

Neste sentido o estudo possui o objetivo de apresentar a experiência dos profissionais de enfermagem no atendimento ao paciente LGBT.

2 HISTÓRICO DISCRIMINATÓRIO SOFRIDO PELA POPULAÇÃO LGBT

Segundo Cardoso (2012), a população LGBT vem sofrendo rejeição da humanidade desde a década de 80, quando foi descoberto o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), a população LGBT ficou caracterizada como pessoas que cometiam os piores atos com seu próprio corpo, assim foi a época marcada pela discriminação sobre esta possível população.

A homofobia abrange os termos como: lésbofobia, bifobia e transfobia que são respectivamente a aversão, como por exemplo, lesbica (mulher que tem desejo erótico e afetivo por mulher), gay (homem que tem desejo por outro homem), bissexual (sentir atração sexual por ambos os sexos, feminino e masculino) e transexual (indivíduo que se sente pertencente ao sexo oposto) (RIOS, 2011).

As formas de discriminação encontradas por esse público são como, por exemplo, a homofobia, dificuldade de arrumar um emprego, a falta de alimentação, moradia, maneira de andar na rua como gostaria e não se sentir bem. A não liberdade é uma preocupação para possíveis sofrimentos e prováveis doenças (SOUSA, 2014).

O surgir do preconceito em uma pessoa é a partir de seus ideais, seja por questão moral (falta de caráter), por questão religiosa, psicológica, biológica, ou por questão psicossocial. A maioria destes modelos contribui para o começo de um possível preconceito e

discriminação em relação às pessoas homossexuais (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002).

Através do Programa Direitos Humanos, Direitos de Todos, nasceu o Plano de Combate a Discriminação contra Homossexuais. Então, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lançou o Programa Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate a Discriminação contra LGBT, afirmando esse compromisso, a fim de promover os direitos, a cidadania bem como a erradicação da discriminação contra diversidade sexual e combate a violência, no ano de 2004 (Rezende, 2016).

2.1 PROFISSIONAIS DA SAÚDE FRENTE À POPULAÇÃO LGBT

O foco da enfermagem sempre foi o cuidado ao próximo, e em sua história tem um pouco de preconceito desde os primórdios, pelo fato de ser uma profissão exercida por mulheres e, além disso, desconfiam da masculinidade do homem por atuar nessa área (MURILO, 2016).

A realidade percebida pela população LGBT no contexto dos serviços de saúde é onde, muitas vezes, os profissionais ainda não estão preparados para acolher esse público com qualidade e de maneira humanizada, onde é um direito de todos os cidadãos (BRASIL, 2013c).

No estudo realizado por Borges (2012), mostra que hábitos sexuais fora do padrão comportamental da sociedade de pacientes podem afetar negativamente nas formas de cuidado que reconhece em determinados serviços de saúde, frustrando o cidadão e acarretando a não procura aos serviços de saúde.

As relações entre os serviços de saúde e a população homossexual podem ser prejudicadas quando no atendimento ocorrem comportamentos homofóbicos pelas equipes de saúde, quando a população LGBT não se sente acolhidos ou bem instruídos. Devido a essas situações, a população homossexual podem se sentir fragilizados por terem sentido na pele tal situação de preconceito, e desconfiam das orientações oferecidas, levando a redução da confiança em relação aos serviços prestados, reduzindo a interação entre profissional e paciente (CALVETTI et al, 2010).

A dificuldade do acesso aos serviços de saúde faz com que essa população se torne mais vulnerável a contrair doenças mais predominantes a esse público, tais como: problemas psicológicos, câncer de colo do útero, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, câncer de

mama e câncer de próstata. O que explica a prevalência dessas doenças nesse público é a falta de acompanhamento de rotina para promoção e prevenção das mesmas, em consequência dos desconfortos dos profissionais nas prestações de cuidados aos pacientes que necessitam de orientação sexual diferenciada da heterossexualidade (SOUSA, 2014).

As doenças frequentes nas mulheres heterossexuais também podem acometer as mulheres lésbicas e bissexuais, porém são mais vulneráveis por conta do medo de sofrer preconceito no acolhimento e isso faz com que não há a procura dos serviços de saúde (CARVALHO; CALDERARO; SOUZA, 2013).

De acordo com Melo (2010), muitos profissionais de saúde julgam mulheres lésbicas como não mulheres por conta de suas atividades sexuais. Essa cisma faz com que ocorra o despreparo dos profissionais no momento do acolhimento, e os procedimentos mais simples como *Papanicolau* são dificultados para a promoção e prevenção de saúde dessas mulheres, impedindo atendimento correto a essa população.

Robinson (2010) afirma que muitos usuários transexuais, por exemplo, vem vivenciando situações discriminatórias nos serviços de saúde, que estão relacionados aos atendimentos recusados pelos profissionais quando se deram conta da identidade de gênero do paciente. Para que um atendimento seja adequado para a população transexual, o profissional deve reconhecer as transições de gênero, os cuidados e as formas de um tratamento eficaz.

As dificuldades encontradas pela população LGBT são diversas, tais como profissionais que não estão preparadas para lidar com esse público fazendo piadas e deboches, principalmente na área ginecológica pelo espanto de sua prática sexual, assim fazendo um atendimento discriminatório sem saber como lidar ao se deparar com uma mulher de gênero diferenciado (CARVALHO; PHILIPPI, 2013).

Quando a população LGBT procura os serviços de saúde decorrente à violência, vale destacar que também nestes serviços eles também sofrem com a violência. A homofobia está presente em condutas dos profissionais de saúde diariamente e esse comportamento é influenciado pelos tabus e mitos sociais, onde é encontrada uma das maiores dificuldades na abordagem do cliente homossexual (ALBUQUERQUE et al., 2016).

A ausência de profissionais experientes tem sido uma barreira para a população LGBT, atitudes negativas e preconceitos impedem os pacientes de procurar os serviços de saúde. Alguns estudos citam a necessidade de inclusão de informações, orientações e capacitações na formação dos profissionais, a salientam a importância de profissionais

formados a buscar conhecimentos relacionados ao atendimento para essa população (HURD, 2015).

O acesso do Sistema Único de Saúde (SUS) está ameaçado pela existência de desigualdades sociais, pelas condutas homofobias, pelos preconceitos encontrados nos acolhimento dos profissionais que se estendem para a categoria de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (FERRAZ; KRAICZYK, 2010).

2.2 PROMOÇÕES NO ACOLHIMENTO AOS PACIENTES LGBT

As dificuldades encontradas no acesso dos serviços de saúde são enfrentadas por toda a população, seja raça/cor, situação socioeconômica e aparência física, independentemente de sua forma de agir e pensar a população sofre no momento do acolhimento, e dentro dessa população estão os LGBT os quais sofrem muitos julgamentos moralistas. Desta forma, o profissional deve ter sensibilidade para acolher esse usuário, conversar com ele sobre sua história de vida, orientação sexual e escolha de gênero, sempre mantendo o ambiente confortável e seguro (MAKADON, 2011).

É de extrema importância uma boa assistência para que aconteça um relacionamento saudável entre enfermeiro e paciente, pois podem surgir fatos imprevistos que podem ou não ser constrangedores para ambos, como sentimento de abominação por parte dos profissionais ao terem que assistir um paciente homossexual. Embora sejam profissionais, são também seres com seus sentimentos e preconceitos (GALANTE, 2001).

Com intuito de acabar com essa barreira profissional-usuário e ter qualidade nos serviços de saúde, foi instituído a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) através da Portaria GM/MS nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, ficando responsáveis as secretarias estaduais para definições de estratégias e planos de ações para suprir as necessidades de saúde da população LGBT de cada município (BRASIL, 2011).

Ainda há muito a ser conquistado em relação aos princípios do SUS, tais como universalidade, equidade e integralidade no atendimento da população LGBT. Mesmo que o governo federal esteja desenvolvendo planos e ações a respeito da saúde dessa população, as dificuldades ainda são grandes no acesso aos serviços de saúde, como preconceito, discriminação por muitos profissionais e pela população em geral (MELLO et al., 2011).

Desta maneira, faz com que os profissionais de saúde, como os enfermeiros, repensem em sua postura profissional a respeito dessa população específica, deixem de lado seus preconceitos e procurem conhecimentos através de capacitações, treinamentos em saúde para estar preparado quando for acolher esse público. Pois é preciso estar com a mente aberta para a escolha de gênero do paciente, conhecer e respeitar as decisões de cada pessoa em si (MELO, 2010; CARVALHO et al., 2013; SOUSA, 2014).

As abordagens satisfatórias para a população LGBT devem ser inicialmente construídas dentro das normas e regulamentos dos serviços de saúde, buscando respeito para com esses pacientes e mostrando a compreensão com os mesmos. O cuidado compreensivo e imparcial deve ser oferecido a qualquer paciente, independente de raça, idade, sexo, orientação sexual e identidade de gênero (SMITH, 2016).

O enfermeiro deve realizar as ações junto à comunidade LGBT, desde o adolescente até mesmo o idoso LGBT, oferecendo informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis, prevenção de casos de câncer de próstata e o de colo de útero e assim como garantir os direitos reprodutivos integrais e a redução do índice de suicídio por depressão (MURILO, 2016).

Referente à atenção de urgência desses pacientes também vê o papel do enfermeiro na garantia de seus direitos, pois muitos dão entradas nas unidades de urgência e emergência após serem vítimas de agressões homofóbicas e tentativas de suicídio, onde se encontram muito fragilizados precisando de uma equipe humanizada e especializada, que atue encorajando-os a buscar seus direitos (MURILO, 2016).

De acordo com Terto (2002), é importante incluir a atenção na saúde em grupos sociais a noção de tratamento, noção do cuidado, pois além de tratar os sintomas ajudaria a contribuir no desenvolvimento de projetos de vida do paciente, apoiando a inserção social e realizações pessoais.

O Ministério da Saúde vem buscando formas de amenizar os altos índices de mortalidade por doenças que afetam a população LGBT, como o câncer de mama e colo do útero em mulheres bissexuais e lésbicas, como também o uso de álcool, drogas e tabagismo. E da mesma maneira, o acolhimento aos homens gays, bissexuais e transexuais que necessitam de informações de cuidados à saúde do homem (ALBUQUERQUE, 2013).

O enfoque do cuidado é um convite para a Enfermagem aceitar sua responsabilidade com a igualdade no acesso dos LGBT aos serviços de saúde, promovendo autonomia, cidadania, dignidade, promoção e prevenção da saúde desse público (NUNES, 2007).

3 MÉTODOS

Este estudo foi iniciado após a aprovação do Projeto de Pesquisa, avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) destas instituições e a autorização institucional para a realização da pesquisa no município de Chapadão do Sul - MS (ANEXO A). Para a obtenção dos resultados propostos, esta avaliação foi realizada em duas etapas, sendo que no primeiro momento foi efetuado o levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, que possibilitaram averiguar informações para fornecer a base de sustentação para o tema abordado. A pesquisa foi realizada nos diversos bancos de dados Google Acadêmico, artigos online e manuais de fontes do governo que abordaram assuntos relacionados a temática em questão, nos períodos de 2001 a 2020.

Assim sendo, o estudo foi realizado na cidade de Chapadão do Sul – MS, com enfermeiros atuantes no município, tanto em unidades básicas de saúde quanto na área hospitalar. Inicialmente, foi conversado com 25 profissionais e somente 17 aceitaram participar da pesquisa, entretanto, 8 profissionais não aceitaram participar.

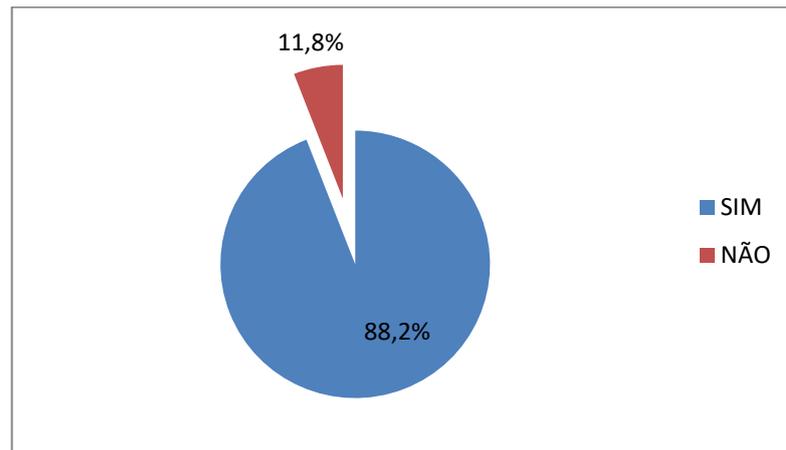
Portanto, a pesquisa foi composta por 17 profissionais, com média de idade de 23 anos a 51 anos, entre homens e mulheres, que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B).

Posteriormente, para a realização deste estudo, diante do cenário que vivem-se em relação a pandemia, foi realizado um questionário no Google Formulários, enviado via link por aplicativo para enfermeiros atuantes no município de Chapadão do Sul - MS, tanto de hospital quanto em unidades básicas de saúde, aplicou-se um questionário para os enfermeiros (APÊNDICE A) contendo as variáveis referentes ao gênero, idade, conhecimento sobre a sigla LGBT, sobre o acolhimento deste público, a existência de preconceito durante o atendimento e oferecimento de procedimentos voltados a promoção da saúde, conhecimentos sobre as capacitações disponibilizadas aos profissionais sobre a temática, conhecimento do tema durante a graduação e opinião sobre a divulgação destas informações nos serviços de saúde.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta avaliação pode-se verificar predomínio do gênero feminino representando um percentual de (88,2%), conforme figura 1.

Figura 1 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação ao gênero, no município de Chapadão do Sul- MS.

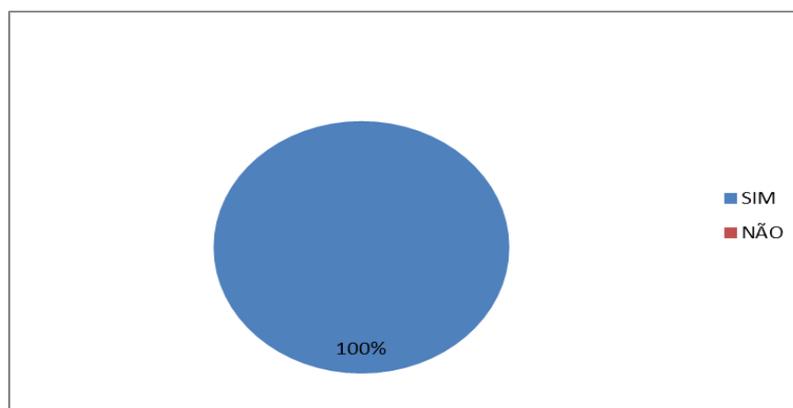


Fonte: Própria (2020).

Em um estudo realizado por Tavares (2019), em relação ao gênero dos profissionais atuantes do município de João Pessoa-PB, foi possível verificar que a maior frequência se constituiu de pessoas do gênero feminino (80%) e (20%) do gênero masculino, demonstrando um resultado semelhante a esta avaliação.

Quanto ao número de profissionais que conhecem a sigla LGBT, foi identificado um percentual de (100%), o que mostra que todos os participantes conhecem a sigla proposta no questionário, conforme figura 2.

Figura 2 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação ao conhecimento da sigla LGBT, em Chapadão do Sul – MS.



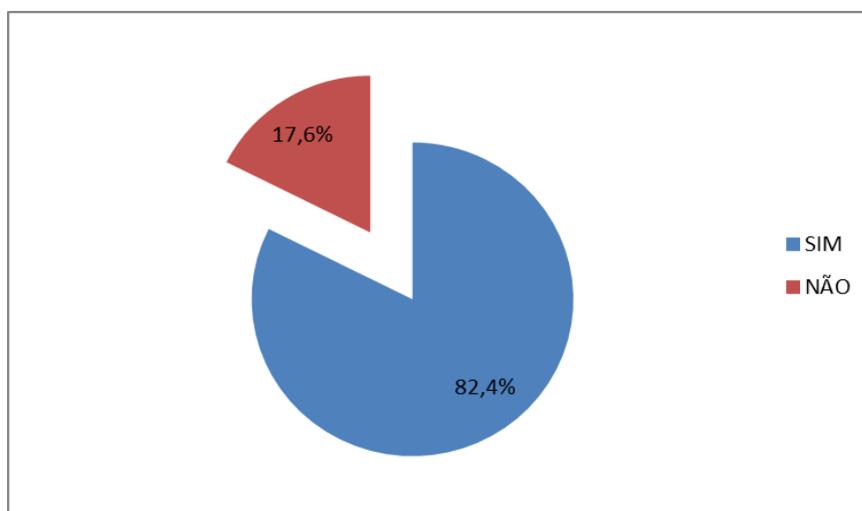
Fonte: Própria (2020).

Em uma avaliação concretizada por Laporte; Assis (2020), em relação ao conhecimento do significado e sigla LGBT, foi observado o Grupo A, que declarou conhecer 100% a definição para gays e lésbicas, 96% para bissexuais e para travestis, 80% para transexuais, 72% para transgêneros, Já no Grupo B, 100% dos participantes assumiu ter base para definir lésbicas, 92% para gays e para bissexuais, 60% para transexuais e para travestis, o que demonstra um resultado similar em relação a este estudo.

Nos dias de hoje, os profissionais da área de saúde se deparam com certas dificuldades no atendimento desta clientela e na maioria das vezes não se sentem qualificados suficientemente para lidar com certas situações voltadas a esse grupo específico. É de suma importância para o profissional da saúde, dispor-se com respeito, sem preconceito e discriminação visando seu papel na sociedade, independente da orientação sexual do indivíduo (BRASIL, 2013c).

Referente à capacitação, (82,4%) dos profissionais se sente preparado para atender esse público, de acordo com a figura 3.

Figura 3 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação à capacitação no atendimento ao paciente LGBT, em Chapadão do Sul – MS.



Fonte: Própria (2020).

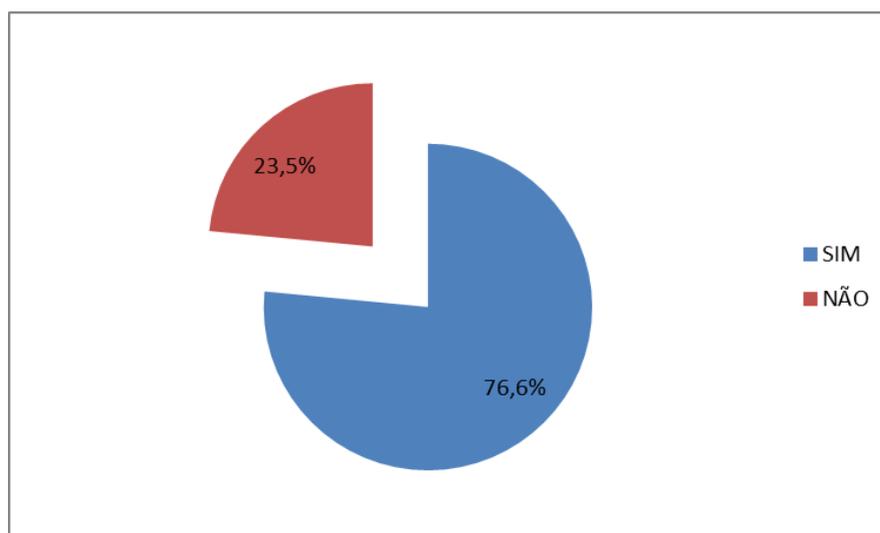
De acordo com a avaliação de Tavares (2019), relacionado ao preparo dos profissionais no atendimento ao LGBT, (68%) declararam sentir-se apto, em razão de que independente das escolhas sexuais toda e qualquer pessoa merece respeito e, (31%) declaram não sentir-se apto, por que não tiveram ensino na formação acadêmica, falta capacitação e falta de conhecimento, o que revela um resultado diferente ao desse estudo.

Conforme o estudo efetivado por Gonçalves (2017), relacionado ao preparo dos profissionais de enfermagem para atendimento aos usuários LGBT, (17,9%) responderam que sim e (82,1 %), responderam não, o que mostra um resultado similar ao deste estudo.

Em avaliação conduzida por Ceciliano (2015) com profissionais do município de Brasília – DF, referente ao preparo no atendimento ao paciente LGBT, (28,10%) declararam se encontrar parcialmente aptos, (22,80%) informaram que teriam dificuldades no atendimento e (14%) sustentaram não estarem aptos para atender a pessoas pertencentes a comunidade LGBT, o que revela um resultado diferente ao desse estudo.

Quanto à questão relacionada ao preconceito no momento do acolhimento, (76,6%) dos profissionais acreditam que isso influencia no ato profissional-paciente, de acordo com a figura 4.

Figura 4 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação à influência do preconceito no atendimento ao paciente LGBT, em Chapadão do Sul – MS.

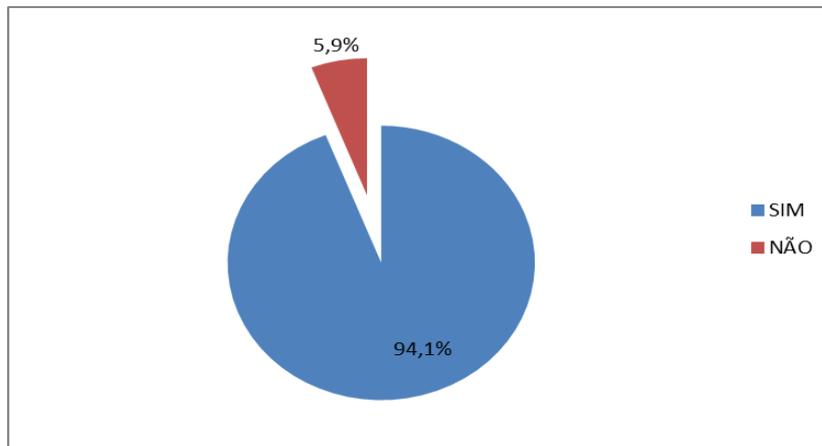


Fonte: Própria (2020).

Em avaliação realizada por Gonçalves (2017), em Mossoró - RN referente à influência do preconceito no atendimento de enfermagem ao LGBT, (53,3%) afirmaram que influencia, enquanto (46,7%) referem que não interfere no momento da assistência prestada, o que demonstra um resultado diferente ao deste estudo.

Em relação aos procedimentos e promoções disponibilizadas pelo SUS, (94,1%) dos profissionais afirmam oferecer para a população LGBT quando procura os serviços de saúde, de acordo com a figura 5.

Figura 5 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação aos procedimentos e promoções oferecidas ao paciente LGBT, em Chapadão do Sul – MS.

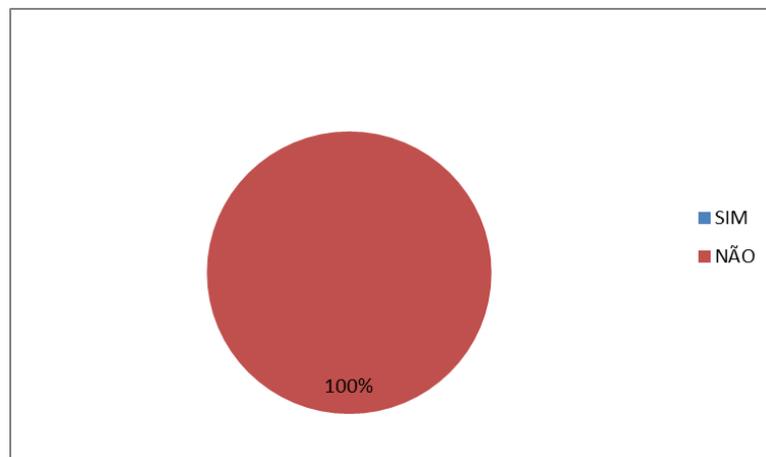


Fonte: Própria (2020).

Relativo a procedimentos disponibilizados no sistema único de saúde para pessoas pertencentes ao grupo LGBT em um estudo conduzido por Ceciliano (2015), (29,80%) declaram que não oferece, (3,50%) informam proporcionar opções disponíveis ao paciente e (36,85%) sustentaram não possuir conhecimento dos procedimentos específicos para esse público, o que demonstra um resultado diferente ao deste estudo.

É de suma importância respeitar as diferenças, mesmo que o profissional não as aceite, isso é fundamental para a promoção da saúde integral de qualidade humanizada e de cidadania (ALVES; GONÇALVES, 2016). Quanto ao atendimento ao paciente, (100%) dos profissionais dizem não levar o profissionalismo para o lado pessoal, como, crenças, religião ou opiniões, de acordo com a figura 6.

Figura 6 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação ao profissionalismo e crenças no atendimento ao público LGBT, em Chapadão do Sul – MS.

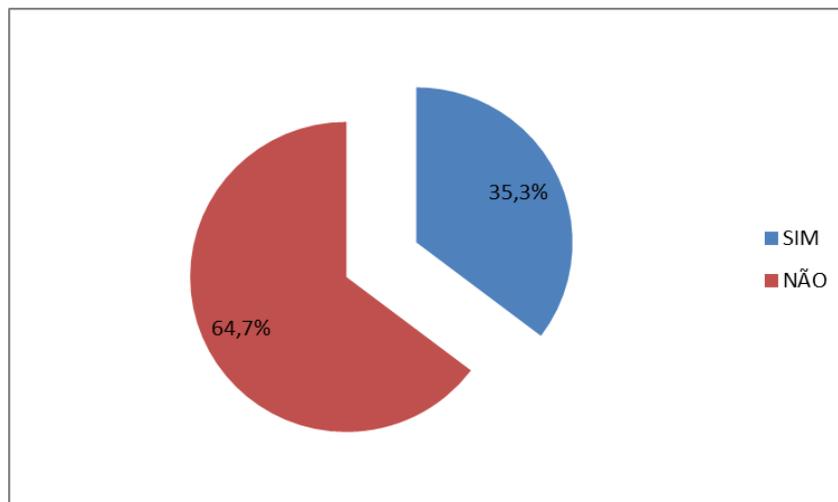


Fonte: Própria (2020).

Em estudo realizado por Almeida (2019), referente ao atendimento de enfermagem relacionado à religião/crenças no interior de São Paulo, 33% dos participantes declaram que a espiritualidade influencia “muito” no atendimento, em 75% das opiniões, de maneira positiva, 10% referiu ser de forma negativa, e 15% defende não ter nenhuma influência, o que revela um resultado diferente ao desse estudo.

Referente ao curso gratuito disponibilizado pelo SUS (AVASUS), sobre Política Nacional de Saúde Integral LGBT, para aprimoramento de conhecimentos a todos os profissionais de saúde e demais interessados no tema, (35,3%) afirma conhecer o curso, de acordo com a figura 7.

Figura 7 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação ao conhecimento sobre o curso Política Nacional de Saúde Integral LGBT, em Chapadão do Sul – MS.



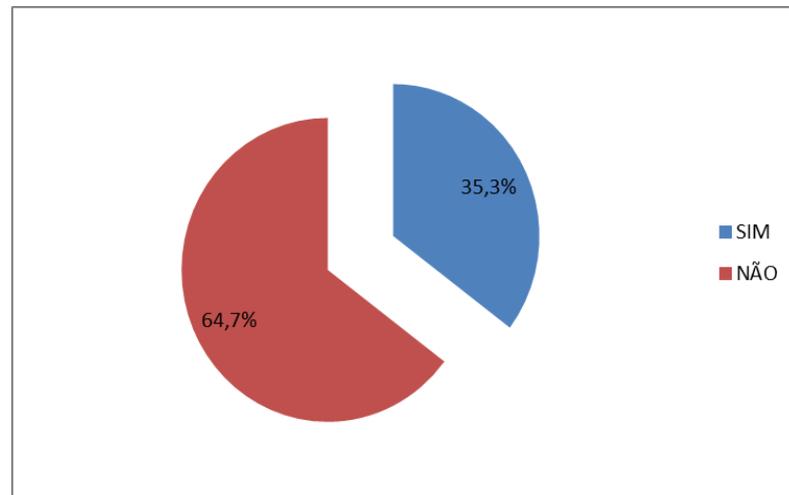
Fonte: Própria (2020).

Em uma pesquisa feita por Garcia; Batista; Santos (2016), realizada nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) em Prado-Bahia, em relação ao curso disponibilizado pelo SUS (AVASUS), 20% confessaram não terem conhecimento sobre o assunto e a maioria, totalizando 50% tem conhecimento mínimo. Apenas 20% afirmam ter conhecimento razoável e 10% elevado, o que demonstra um resultado diferente ao deste estudo.

Em avaliação conduzida por Ceciliano (2015), referente ao conhecimento sobre o curso PNSILGBT (UNASUS), os dados obtidos mostram que, 73,70% dos participantes da pesquisa, declararam desconhecer o assunto mencionado, e 26,30% disseram conhecer, evidenciando um resultado parecido ao desta pesquisa.

Relativo à abordagem do tema acolhimento de enfermagem ao paciente LGBT na graduação de enfermagem, (64,7%) dos participantes dizem não ter ouvido falar sobre o atendimento ao paciente LGBT em momento algum de acordo com a figura 8.

Figura 8 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação à abordagem do tema LGBT na graduação de enfermagem, em Chapadão do Sul – MS.

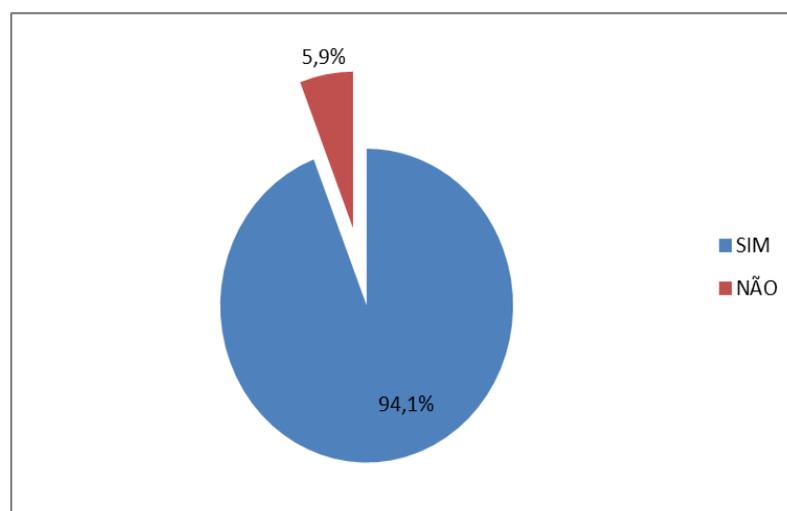


Fonte: Própria (2020).

Em estudo realizado por Garcia; Batista; Santos (2016), em relação à abordagem sobre o atendimento à população LGBT na graduação de enfermagem na UBS de Prado -BA, 90% das enfermeiras entrevistadas, tiveram em alguma disciplina do curso, abordagens sobre sexualidade no geral e apenas 10% além da sexualidade, uma breve abordagem sobre orientação sexual, demonstrando um resultado distinto ao desta avaliação.

No que se refere a ações para atrair o público LGBT, (94,1%) declara que deveria ter mais campanhas relacionadas a esse público populacional, de acordo com a figura 9.

Figura 9 - Caracterização dos profissionais de saúde (enfermeiros) em relação a ações para atrair o público LGBT, em Chapadão do Sul – MS.



Fonte: Própria (2020).

Em estudo desempenhado Ceciliano (2015), referente à inclusão de ações para atrair o público LGBT para os serviços de saúde, (78,95%) dos entrevistados responderam que é importante e (17,55%) responderam que não é importante, demonstrando um resultado diferenciado ao desta análise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo, foi identificada a predominância do gênero feminino, com idade entre 23 a 51 anos, todos afirmando conhecer a sigla LGBT. Quanto ao preparo para o atendimento a esse público populacional, grande parte relatou que se sente preparado para atender o paciente em qualquer situação.

Em relação ao preconceito no momento do acolhimento, maior parte dos profissionais informou que o preconceito pode sim influenciar no atendimento, assim, relatando atender os pacientes de forma humanizada quando procuram os serviços de saúde. Sobre os procedimentos e promoções disponibilizadas pelo SUS, a maioria dos entrevistados confirmou o oferecimento no ato do atendimento ao LGBT.

Referente ao atendimento, todos relataram não levar pelo lado pessoal, assim como, crenças, religiões ou até mesmo opiniões. Assim sendo, se fizessem parte deste grupo populacional, gostariam de ser atendido da mesma maneira que os atende.

A respeito do curso gratuito oportunizado pelo SUS, somente a minoria do grupo pesquisado relatam ter conhecimento. Observou-se que os mesmos que não conhecem o curso, não ouviram falar sobre o tema referente ao acolhimento aos LGBT na graduação. Sobre atrair o público LGBT, a maioria afirmou que deveria ser divulgado mais vezes para a população LGBT se sentir mais acolhida.

Após finalizar a pesquisa, pode-se concluir que os enfermeiros atuantes no município de Chapadão do sul – MS realizam o atendimento ao paciente LGBT considerando as condutas éticas no exercício profissional, dispostos a oferecer um atendimento de qualidade, livre de preconceitos. Assim priorizando a saúde física e mental desse grupo populacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE et al. Sexual Diversity and Homophobia in Health Care Services: Perceptions of Homosexual and Bisexual Population in the Cross-Cultural Theory. **Open jour of nurse**, 2016a, 6, 470-482. Disponível em: http://file.scirp.org/pdf/OJN_2016061316203529.pdf. Acesso em: 17 ago. 2019.

ALBUQUERQUE, G. A. et al Homossexualidade e o direito à saúde u desafio para as políticas públicas da saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 516-24, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a15_v37n98.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

ALMEIDA, B. R. **Saúde e espiritualidade: concepções de graduandos do curso de medicina de uma universidade pública federal**. Universidade Federal de Sergipe. Lagarto, Sergipe. 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13234/2/BRENA_RODRIGUES_DE_ALMEIDA.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

ALVES CMR, Gonçalves MAM. **O papel da enfermagem no rompimento dos preconceitos LGBT nos serviços de saúde**. In: 16º congresso nacional de iniciação científica; 2016 1-11; São Paulo, Brasil.

BORGES, C. A.; SOUZA, M. **Saúde das travestis: um desafio para a enfermagem**. UNIFRA. Rio grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5680.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008a.

_____. Conferência Nacional de Saúde^{13ª}; 2008; Brasília. Relatório Final. Brasília: **Conselho Nacional de Saúde: Ministério da Saúde**; 2008b. Disponível em http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/13cns_m.pdf. Acesso em 26 ago. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 dez. 2011. Seção 1, p. 35.

_____. Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde (SUS): estrutura, princípios e como funciona**. Brasília – DF: Ministério da Saúde, 2013a. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude>. Acesso em: 16 set. 2019.

_____. Ministério da Saúde. **Mulheres Lésbicas e Bissexuais: direitos, saúde e participação social**. Brasília - DF: Ministério da Saúde, 2013b. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/mulheres_lesbicas_bisexuais_direitos_saude.pdf. Acesso em: 23 set. 2019.

_____. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde; 2013c. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

CALVETTI, P. et al. Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. **Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 235-245, maio/ago. 2010.

CARDOSO, M. R.; FERRO, L. F. Saúde e População LGBT: Demandas e Especificidades em Questão. São Paulo-SP, **Revista de Psicologia: ciência e profissão**, vol. 3, n.32, p. 552-63, 2012.

CARVALHO C.S.; CALDERARO F.; SOUZA S.J. O dispositivo “saúde de mulheres lésbicas”: (in)visibilidade e direitos. **Psicologia Política**. Rio de Janeiro, RJ, v. 13. n. 26, p.111-127. Jan/Abr. 2013.

CARVALHO, L. S.; PHILIPPI, M. M. Percepção de lésbicas, gays e bissexuais em relação aos serviços de saúde. **Universitas: Ciências da Saúde**, Brasília. 11, n. 2, p. 83-92, jul./dez. 2013.

CARVALHO, P. et al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis por mulheres homossexuais e bissexuais: estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói (RJ), v. 12, n. 4, p. 931-941, 2013.

CASATE, J. C, Corrêa AK. A humanização do cuidado na formação dos profissionais de saúde nos cursos de graduação. **Rev Esc Enferm USP**. 2012, v. 46, n. 1, p. 219-26.

CECILIANO, L. A. **Conhecimento de estudantes em enfermagem da política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde FACES. Brasília, Distrito Federal. 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/187132561.pdf>. Acesso em 26 nov. 2020.

FERRAZ, D.; KRAICZYK, J. Gênero e políticas públicas de saúde: construindo respostas para o enfrentamento das desigualdades no âmbito do SUS. **Revista de Psicologia da Unesp**, Assis, v. 9, n. 1, p. 70-82, 2010.

GALANTE, A. C. O profissional de enfermagem perante uma questão de sexualidade, **Revista do Centro Universitário Barão de Mauá**, v.1, n.2, jul/dez. 2001.

GARCIA, F. G.; BATISTA, D. S.; SANTOS, M. C. A política nacional de saúde integral lgbt no sistema único de saúde (SUS), Brasil. **Revista Científica do Instituto Ideia**. Rio de Janeiro, p. 117-132, 2016. Disponível em: http://ideiaeduc.com.br/uploads/revista/pdf/desm/7N.01.2016/7n.01.2016_117.politica_nacional_de_saude.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

GONÇALVES, J. R. **Percepção de pacientes lgbt quanto à interação com os Profissionais de enfermagem em situação de atendimento**. Faculdade de enfermagem Nova Esperança de Mossoró - FACENE/RN. 2017. Disponível em: <http://www.sistemasfacenern.com.br/repositorio/admin/acervo/d09c869a57fca1533d0cac6754a197e4.pdf>. Acesso: 24 nov. 2020.

HURD Z. American geriatricsocietycareoflesbian, gay, bisexual, andtransgenderolderadults position statement: American geriatricsocietyethicscommittee. **J AmGeriatrSoc** 2015; 63: 423-426.

INOJOSA, R. M. **Acolhimento: a qualificação do encontro entre profissionais de saúde e usuários. Trabalho apresentado ao X Congresso Internacional Del CLAD sobre La Reforma Del Estado y de La Administrassem Pública**. Santiago, Chile, p. 18-21, out., 2005. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Documents/MARE/OS/inojosa_saude.pdf. Acesso em: 21 jul. 2019.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leôncio. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002. Disponível em: goo.gl/BpBN2B. Acesso em: 18 nov. 2019.

LAPORTE, N.; ASSIS, M. **Conhecimentos dos graduandos de enfermagem voltado para a assistência dos indivíduos LGBTQIA+**. 2020. 15 f. Revisão Científica UMC, UMC Universidade, Mogi das Cruzes, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Documents/DIVERSOS/TCC/artigo/717-3912-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LIMA, M. D. A; SOUZA, A. S; DANTAS, M. F. Os Desafios a Garantia de Direitos da População LGBT no Sistema Único de Saúde (SUS). São Paulo-SP, **Revista Interfaces Saúde Humanas e Tecnologia**. v. 03, n. 11, São Paulo-SP, P119- 129, Jul\2016.

MAKADON HJ. ENDING LGBT invisibility in health care: The first step in ensuring equitable care. **Cleveland Clinic Journal of medicine**, 2011, 78(4):220-224.

MELLO, Luiz et al. **Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade.** Sexualidad Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, n. 9, p. 7-28, Dec. 2011. Disponível em: <http://goo.gl/1nKvkd>. Acesso em: 07 nov. 2019.

MELO, A. P. L. de. **Mulheres e outras Mulheres: gênero e homossexualidade(s) no Programa de Saúde da Família.** 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MURILO, C. R. **O papel da enfermagem no rompimento dos preconceitos lgbt nos serviços de saúde.** Conic Semesp: 16º Congresso Nacional de Iniciação Científica, 2016. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022939.pdf> 19/11/2019. Acesso em: 20 nov. 2019.

NUNES L. **Humanização na Saúde: estratégia de marketing? A visão do enfermeiro.** In: Barchifontaine CP, Zoboli ELCP, organizadores. Bioética, Vulnerabilidade e Saúde. São Paulo: Idéias & Letras; 2007. p. 269-85.

REZENDE, L. S. **Homofobia e violência contra população lgbt no brasil: uma revisão narrativa.** Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/16212/1/2016_LiviaDaSilvaRezende_tcc.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

RIOS, R. R. **Direitos humanos, direitos sexuais e homossexualidade.** Centro Universitário Ritter dos Reis, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/781/1086>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ROBINSON A. The transgenderpatientandyourpractice: whatphysiciansand staff needtoknow. **J MedPractManage** 2010; 25: 364–367.

SMITH, F. D. **Perioperative Careofthe Transgender Patient.** AORN J 2016; 103: 151–163.

SOUSA, J. C. et.al. Promoção da saúde da mulher lésbica: cuidados de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.** v.4, n.35, p.108-13, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v35n4/pt_1983-1447-rngenf-35-04-00108.pdf Acesso em: 16 set. 2019.

SOUSA, J. de C. et al. Promoção da saúde da mulher lésbica: cuidados de enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 35, n. 4, p. 108-113, Dec. 2014.

TAVARES, J. S. **Conhecimento dos estudantes da saúde acerca da política Nacional de saúde integral à população lgbt e sua Abordagem clinica como futuros profissionais.** 2019. 20 f. Temas em saúde. João Pessoa-PB. 2019. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/09/19311.pdf>. Acesso em 24 nov. 2020.

TERTO, V. J. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS, **Revista Brasileira Horizontes Antropológicos**, vol. 8, n.17, p. 147-158, Porto Alegre, jun., 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

**FACULDADES INTEGRADAS DE CASSILÂNDIA - FIC**

Av. Presidente Dutra, 1500 – Centro

Cassilândia - MS – CEP: 79540-000

Fone/Fax: (67)3596-5538/ www.ficms.com.br

FACULDADES INTEGRADAS DE CASSILÂNDIA
CURSO: ENFERMAGEM
ACADÊMICA: SARAH SOUZA QUEIROZ
ORIENTADORA: Prof.^a TAMARA DA S. ROVERI
<i>Este questionário visa entrevistar Enfermeiros com o objetivo de complementar a pesquisa de campo para o Trabalho de Conclusão de Curso tendo como Tema: “ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS E TRANSEXUAIS NO MUNICÍPIO DE CHAPADÃO DO SUL - MS”</i>
1 - SEXO: () Masculino () Feminino
2 - Qual a sua idade? _____
3 - Você sabe o significado da sigla LGBT? () Sim () Não
4 – Você se sente preparada para atender esse público a qualquer situação? () Sim () Não
5 - Você acha que o preconceito influencia no momento do acolhimento? () Sim () Não
6 – Ao atender esse público, você oferece todos os procedimentos e promoções de saúde disponíveis no SUS? () Sim () Não
7 - Na hora do atendimento ao paciente LGBT, você leva pelo lado pessoal (religião, crenças e opiniões)?

<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
8 - Tem conhecimento sobre o curso disponibilizado pelo SUS (AVASUS), sobre Política Nacional de Saúde Integral LGBT? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
9 - Na sua graduação, ouviu falar sobre esse tema em algum momento? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
10 - Esse tema deveria ser divulgado mais vezes nos serviços de saúde para atrair esse público (panfletos, banner, campanhas)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

ANEXO A

**FACULDADES INTEGRADAS DE CASSILÂNDIA - FIC***Av. Presidente Dutra, 1500 – Centro*

Cassilândia - MS – CEP: 79540-000

Fone/Fax: (67)3596-5538/ www.ficms.com.br

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA COLETA DE DADOS

Chapadão do Sul-MS, _____ de _____ de 2020.

Sra. Secretária Municipal de Saúde**Mara Núbia Soares Pereira**

Venho através desta, solicitar a autorização para a realização da coleta de dados da pesquisa intitulada “**ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS E TRANSEXUAIS NO MUNICÍPIO DE CHAPADÃO DO SUL - MS**” pois esta pesquisa será parte integrante do Curso de Graduação em Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas de Cassilândia da aluna Sarah Souza Queiroz sob orientação da Prof.^a Enf. Esp. Tamara da S. Roveri.

O trabalho tem como objetivo geral, mostrar as dificuldades encontradas no momento do acolhimento de enfermagem com pacientes LGBT em Chapadão do Sul/MS.

Desde já, coloco-me à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida que possa surgir.

Antecipadamente agradeço à colaboração.

SARAH SOUZA QUEIROZ

TAMARA DA S. ROVERI

Mara Núbia Soares Pereira

ANEXO B

**FACULDADES INTEGRADAS DE CASSILÂNDIA - FIC***Av. Presidente Dutra, 1500 – Centro*

Cassilândia - MS – CEP: 79540-000

Fone/Fax: (67)3596-5538/ www.ficms.com.br**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa:****ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM AOS PACIENTES HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS E TRANSEXUAIS NO MUNICÍPIO DE CHAPADÃO DO SUL – MS**

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a estudar o assunto é devido às dificuldades enfrentadas pelo público LGBT em relação ao acolhimento de enfermagem. O objetivo desse projeto é identificar como ocorre o acolhimento de enfermagem ao paciente LGBT no município de Chapadão do Sul/MS.

O PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS SERÁ DA SEGUINTE FORMA: Através de um questionário que abrangerá como ocorre o acolhimento de enfermagem ao paciente LGBT, o qual conterà perguntas de múltipla escolha, direcionado a enfermeiros da cidade de Chapadão do Sul/MS.

- 1- DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforma resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde- Brasília- DF. Não existindo riscos e desconforto para você que se submeter a responder o questionário. Servirá como objeto instrutor para órgãos públicos e privados visando o acolhimento de enfermagem para que o atendimento dos profissionais acima desse público seja de qualidade.
- 2- GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. A

pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Cassilândia e outra será fornecida a você.

- 3- CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

VOCÊ CONCORDA?

- SIM
 NÃO